

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO AUTISMO

Amanda Castro¹, Tamires Rosa Pacheco¹, Caroline Pereira Fernandes¹, Gian de Oliveira Réus¹, Maicol de Oliveira Brognoli¹.

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense

Introdução: Na atualidade, o autismo está inserido no grupo de perturbações globais do desenvolvimento, sendo denominado como uma perturbação neurobiológica complexa. Em cada 1000 crianças 3 a 6 talvez venham a ser diagnosticadas como autistas, podendo ser de diversos grupos raciais, étnicos ou sociais e podendo atingir 4 a 5 vezes mais o sexo masculino em relação ao sexo feminino. Entende-se por autismo uma inadequação no desenvolvimento, que se apresenta de maneira grave durante toda a vida, e trazendo incapacidades para o indivíduo que a possui (FREITAS, 2015). Partindo desta realidade, percebeu-se a necessidade de se realizar uma pesquisa em uma das instituições que prestam este serviço às famílias de indivíduos autistas: a AMA (Associação de Pais e Amigos dos Autistas da Região Carbonífera de Santa Catarina). Sob este prisma, pretendeu-se realizar a pesquisa com os profissionais da instituição citada, e identificar as representações sociais sobre o autismo mediante ao cargo que exercem como trabalhadores na instituição, e analisar também, seus sentimentos nas suas variadas formas de interação com o indivíduo com o espectro autista. Compreende-se que as concepções desses atores sociais permitem entender a natureza e qualidade de suas relações e intervenções.

Método: Esta pesquisa de campo é caracterizada como exploratória- descritiva e de caráter qualitativo, cujo intuito visa compreender, de forma adequada, o fenômeno estudado, para fins de produção de conhecimento. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com os profissionais do apoio logístico da associação de Pais e Amigos do Autista. A pesquisa foi realizada na própria associação, em apenas um encontro, no período vespertino, durante o período de trabalho dos mesmos. Os participantes desta pesquisa foram profissionais que atuavam direta ou indiretamente com os indivíduos de espectro autista da associação de Pais e Amigos do Autista do Bairro São Cristóvão da cidade de Criciúma, Santa Catarina. Na associação havia ao todo 28 profissionais, no entanto, só quatro puderam participar da pesquisa. Os profissionais entrevistados que devidamente aceitaram participar da pesquisa, eram da área da limpeza, transporte, cozinha e zeladoria. Possuíam escolaridade média, dois eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. Após as entrevistas com os profissionais, as informações foram transcritas pelos pesquisadores que, posteriormente, realizaram uma análise de conteúdo com base nos dados obtidos.

Resultados e Discussão: Os participantes foram entrevistados inicialmente acerca de suas motivações e sentimentos em relação ao trabalho exercido na instituição. O primeiro participante referiu-se em seu discurso à valorização do trabalho exercido pelos profissionais de educação, ele fala que os pais não teriam essa paciência, e que nem todos os centros de apoio possuem esse atendimento com tamanha atenção. Estudos realizados na área do autismo provam que os comportamentos destas crianças variam de contexto para contexto, determinadas competências adquiridas num contexto não se generalizam, é necessário que em todos os contextos atue do mesmo modo para manter as competências adquiridas. Por isto, é necessário reforçar a ideia de que tem de haver um trabalho conjunto e contínuo entre a escola e a família

(CRUZ et al., 2010). Em relação às causas do autismo os participantes citam a responsabilidade materna, em que a causa do autismo é relacionada à ausência dos cuidados pré-natais da mãe, ao uso de drogas, à falta de realização de exames completos. É possível identificar que as representações sociais desses participantes trazem a gênese do autismo associada à culpa direcionada a mãe. De modo similar, em pesquisa de Meimes et al., (2015) a análise da entrevista revelou que o impacto do diagnóstico para a mãe parece ter sido demarcado por muita culpa, considerando-se culpada pelo diagnóstico do filho a mãe tende a atribuir para a si a responsabilidade pelos cuidados com e o manejo da situação familiar. As representações sociais do autismo parecem associadas à deficiência, aqui acontece o fenômeno chamado na psicologia social de ancoragem social. Os participantes destacam o autismo em oposição à normalidade. A concepção que se tem de uma pessoa com espectro autista é de alguém que foge dos padrões normativos. Deve-se levar em consideração que por serem consideradas como crianças que fogem de um padrão normalizado estas muitas vezes são prejudicadas em relação ao acesso e o convívio” (CARVALHO, 2009). A ancoragem da representação social do autismo parece ainda sustentada na ideia de doença, conforme exemplificado no trecho da entrevista: “O autismo pra mim é uma criança doente, uma pessoa doente, uma pessoa com deficiências. Tenho um vizinho autista, ele até está aqui na escola, eu convivo normal com ele. Ele é bem querido, ele brinca, é normal, claro tem os limites dele” (SIC). (Participante 3, trabalha como cozinheira, está há quatro meses na instituição). Conforme Santos e Santos (2012) existe algo essencialmente difícil de ser compreendido sobre o autismo, incertezas inclusive no campo científico, que escapa a uma ancoragem definitiva e gera um sentimento massivo de incerteza individual e coletiva, o que pode corroborar com a tentativa de simplificação associando o autismo à doença. Em outra perspectiva uma participante aponta aspectos de religiosidade em sua representação social do autismo. A entrevistada vê a condição autista como uma lição divina, para as outras pessoas ditas normais que estão no entorno do autista. Esta representação está imantada por uma compreensão religiosa fundada nas concepções de pecado x castigo x aprendizado pelo sacrifício. Em relação à interação com os indivíduos com o espectro autista destaca uma participante: que sua interação é de cunho profissional e não interpessoal. Interage em momentos específicos necessários a sua função profissional, esperando a iniciativa de conversação partir das pessoas autistas. No entanto, por meio da convivência na escola o aluno poderá descobrir o afeto, carinho, convívio com outras crianças, a importância de compartilhar sentimentos e interesses, as rotinas diárias que ajudarão sua independência e autonomia. **Conclusões:** As representações sociais apresentadas pelos profissionais sobre a origem do autismo circularam dentre diversas vertentes teóricas, uns defenderam a ideia genética, biológica, outra a questões voltadas as relações objetivas no período gestacional. Em algumas falas o conhecimento científico foi transposto pelo conhecimento do senso comum. Também encontrou-se uma mais teológica representando que nascer autista seria lição divina para dar exemplos as outras pessoas. Deve-se também considerar o fato de que as unidades de acolhimento proporcionam situações sistematizadas e organizadas para os portadores do espectro autista, o que pode levar a uma diminuição do comportamento atípico. No entanto, os profissionais nem sempre são capazes de lidar com todos os comportamentos apresentados pelo autista. Desse modo, tal conhecimento poderá trazer benefícios como instrumentalizar posteriormente outros estudos, especializações e aprofundamentos.

Palavras-chave: Psicologia social. Autismo. Autista.

Referências

CARVALHO, R. Inclusão e escolarização de alunos autistas. *Pedagogia em Ação*. v. 1, n. 1, p. 111-114, 2009.

CRUZ, C. et al. Criança autista: pais e professores—uma parceria de sucesso no desenvolvimento de competências. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, n. 39, p. 89-107, 2016.

FREITAS. C. S. G. Necessidades Formativas dos Educadores de Infância e dos Auxiliares de Ação Educativa na Prática Profissional com Crianças Autistas no Funchal. Portugal, p. 127, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial), Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4912/1/DMCarla%20Freitas.pdf>> Acesso em: 13 de nov 2016.

MEIMES, M. A.; SALDANHA, H. C.; BOSA, C. A. Adaptação materna ao transtorno do espectro autismo: relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. *Psico (Porto Alegre)*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 412-422, dez. 2015.

SANTOS, M. A.; SANTOS, M. F. Representações sociais de professores sobre o autismo infantil. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 364-372, 2012.